

DO CORPO PRÓPRIO À CARNE ORIGINÁRIA: DIÁLOGO ENTRE HUSSERL E MICHEL HENRY

Matheus Mariano da Silva¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo expor a questão do conceito corpo tanto na fenomenologia de Husserl, quanto na fenomenologia da vida de Michel Henry. Não é nosso intuito realizar algum tipo de comparação entre filósofos, mas sim mostrar o como a discussão acerca do corpo ainda se mantém atual. Inicialmente a pesquisa concentrou-se no segundo volume do livro “Ideias”, sobretudo no capítulo III da obra, onde o filósofo alemão realiza uma distinção entre o corpo “Körper”, que corresponde aos objetos inanimados, e o corpo “Leib”, que também é conhecido como corpo próprio, que indica um corpo vivo, animado. Posteriormente, é apresentado o conceito de corpo a partir da concepção de Michel Henry, que indica um terceiro elemento ainda não elucidado por Husserl, que segundo nosso filósofo francês, seria a carne originária. Para Henry a carne, é o fundo onde o corpo próprio se fundamenta, é nela onde os fenômenos originariamente se revelam, pois a carne possui um caráter originário não mundano e invisível, visto que, antes de qualquer manifestação na esfera do horizonte intencional, ela já é constituída como afetante e afetado na sua relação com a Vida.

Palavras Chave: Körper; Leib; Carne.

ABSTRACT: This article aims to expose the question of the concept of body in both Husserl's phenomenology and in the phenomenology of Michel Henry's life. It is not our intention to make some kind of comparison between philosophers, but rather to show how the discussion about the body still remains current. Initially the research concentrated on the second volume of the book “Ideas”, especially in chapter III of the work, where the German philosopher makes a distinction between the body “Körper”, which corresponds to inanimate objects, and the body “Leib”, which it is also known as the body itself, which indicates a living, animate body. Subsequently, the concept of body is presented from the conception of Michel Henry, which indicates a third element not yet elucidated by Husserl, who according to our French philosopher, would be the original flesh. For Henry the flesh, it is the fund where the body itself is founded, it is in it where the phenomena originally reveal themselves, since the flesh has a non-mundane and invisible originary character, since, before any manifestation in the sphere of the intentional horizon, it is already constituted as affecting and affected in its relationship with Life.

Keywords: Körper; Leib; Flesh.

¹ Formado em História pelo UNASP e mestrando em filosofia pela UFSM – filososilva@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Michel Henry é um fenomenólogo francês que nasceu em 1922 numa colônia francesa (Indochina Francesa), atual Vietnã. Ainda muito novo mudou-se para a França, onde descobriu sua paixão pela filosofia, mais especificamente, a fenomenologia. A partir de então, nosso filósofo dedicou sua vida a esta tarefa, que é a de estudar os fenômenos que nos aparecem. Um leitor assíduo não apenas da tradição filosófica, mas principalmente da fenomenologia, tendo como referência Hegel, Husserl, Heidegger, dentre outros, ele constrói sua filosofia a partir de então.

É reconhecido por estabelecer uma linha filosófica que tem como base a subjetividade, conceito que ele mesmo admite ser muito mais concreto do que se tem noção entre o meio filosófico², contudo, esse não é o assunto a ser tratado aqui nessa pesquisa. Tal pesquisa se propõe a analisar o conceito de carne na fenomenologia de Michel Henry. Não será um estudo que nos levará a um esgotamento do termo até as suas últimas consequências, visto que, essa é uma parte muito cara à filosofia de Henry e não há espaço aqui para tal realização.

É conhecido por todos que o tema corpo, carne, corpo próprio, corpo subjetivo não é um assunto novo na fenomenologia. Husserl lá em seus últimos escritos, principalmente no volume II do *Ideias*³, já apontava para uma corporeidade própria do ego. Merleau-Ponty também foi um filósofo que ficou reconhecido por abordar profundamente a ideia do corpo em sua filosofia, e com muito sucesso, visto que ele partiu de algumas limitações em Husserl, para assim desenvolver sua própria filosofia.

Michel Henry também não é diferente, apesar de não se limitar a uma filosofia do corpo, ele dedicou uma grande parte de sua vida debruçando-se sobre esse seguinte conceito. Com o objetivo de realizar uma radicalização da própria fenomenologia, Michel Henry traça um plano importante, necessário, mas ao

² “[...] para que serve afirmar que o corpo é subjetivo, por exemplo, se formamos da subjetividade uma ideia falsa, se a consideramos meio de elementos inertes, ou como um puro “vazio” diante do mundo [...] a ideia de que a subjetividade não é um meio impessoal e vazio encontra confirmação no fato de que, no interior da análise ontológica do corpo, o ser do movimento subjetivo, assim como o do sentir, foi determinado como pertencendo a um indivíduo concreto” (HENRY, 2012, p. 228).

³ HUSSERL, Edmund. **Ideas relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica**. Libro segundo: Investigaciones fenomenológicas sobre la constitución. Trad.: André Zirión. 2º ed. México: Fundo de Cultura Económica, 2005.

mesmo tempo audacioso e complexo. Trata-se de trilhar um caminho que tem como finalidade ir mais além do que seus predecessores. É importante salientar que em nenhum momento ele desconsidera o que ele chama de fenomenologia “tradicional”, mas ao contrário é a partir dela, e com os próprios métodos da fenomenologia clássica que ele se dispõe em sua nova empreitada.

O pensamento henryano apresenta, sem dúvida, uma das viragens mais fecundas e ousadas dentro do movimento fenomenológico inaugurado por Edmund Husserl, num esforço de radicalidade e procura de sentido. [...] Ora, M. Henry não nega a realidade da intencionalidade, mas questiona o seu estatuto, ou melhor, a pretensão de lhe conceder um lugar principal. A intencionalidade ajusta-se plenamente à apreensão dos fenômenos exteriores, que são dados no plano do mundo exterior e objetivo, visível. O olhar intencional é intrinsecamente objetivante, pelo que a sua vigência se restringe aos fenômenos que podem ser dados objetivamente. No entanto, há fenômenos, como por exemplo a alegria e o sofrimento, que são radical e irredutivelmente invisíveis, já que eles se dão na esfera da imanência subjetiva: não se vêem, experimentam-se na relação imediata de si consigo. (CARDOSO, 2010, p. 09)

Como proposto a presente pesquisa tem como pretensão abordar a questão do corpo em Henry, portanto, abre-se espaço para se abordar uma gama de filósofos da qual nosso filósofo sofreu influência, dentre eles destaca-se Descartes, Mine de Biran, Husserl, Merleau-Ponty, entre outros. Como não há espaço para abordar a todos, decidiu-se concentrar nos escritos husserlianos que trata do corpo, mais especificamente no volume (*Ideas II*).

1. DISTINÇÃO FENOMENOLÓGICA ENTRE (LEIB) CORPO PRÓPRIO E (KÖRPER) CORPO INANIMADO NA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

A questão do corpo não é muito evidenciada na fenomenologia husserliana, tanto que para alguns ele ainda é considerado um filósofo que se manteve preso ao idealismo. Segundo que, Husserl serviu de base para todos os fenomenólogos que o precederam, portanto, é imprescindível entender como se desenvolveu a esfera corporal em sua filosofia. E terceiro que, Henry tem como objeto de estudo o corpo no pensamento husserliano, entretanto, tal assunto ainda não é muito abordado, exceto algumas citações ou eventuais referências.

Husserl parte do pressuposto de que o ser é um corpo no mundo, de maneira que o acesso que se tem a esse mundo se dá conforme a capacidade sensorial do corpo. “O corpo exerce um papel crucial no ato perceptivo não somente devido aos órgãos dos sentidos, mas também por sua relação com o espaço e sua capacidade de movimento” (MISSAGIA, 2017, p.199). Em vista disso é possível notar que o corpo é o meio na qual eu acesso as coisas que me rodeiam e não apenas isso, é por meio dele que eu me localizo em meio a essas coisas e posso me posicionar, me aproximar ou distanciar, graças as sensações e percepções que tenho sobre elas.

O filósofo alemão inicia sua reflexão sobre o corpo, observando que ele pode ser encarado sob duas perspectivas, isto é, uma dualidade corpórea, que por um lado apresenta-se como um corpo objeto, inanimado, não vivo, na qual ele chamará de *körper*, etimologia advinda do latim *corpus*, cujo definição se aproximaria de um corpo morto, ou uma mera materialidade. E em um outro ponto de vista, onde ele apontará para um corpo animado, vivo na qual o intitulará de *leib*, palavra originária do alemão *leib*, onde o corpo e vida possuía um mesmo significado, não diferenciando-se⁴. No parágrafo 36 do segundo volume do livro “Ideias”, Husserl declara:

[...] O corpo, se constitui primariamente de maneira dupla: por um lado, é coisa física, matéria, tem sua extensão, a qual ingressam suas propriedades reais, a coloração, lisura, dureza, calor e quantas outras propriedades materiais similares houver; por outro lado, encontro nele e sinto “nele” e “dentro” dele: o calor no dorso das mãos, o frio nos pés, as sensações do toque nas pontas dos dedos. (HUSSERL, 2005, p. 185, tradução nossa).

O nosso corpo seria entendido como o corpo *leib*, visto que ele é dotado de capacidades que o *körper* não a possui, que é o caso das sensações. Ele sente dor, frio, calor, se movimenta, é possuidor de vontade própria, de sentimentos e qualquer outra atribuição que ultrapasse os limites de um simples objeto. Contudo, é importante lembrar que a princípio nosso corpo é um *körper*, isto é, um corpo objeto, já que ele também apresenta características comuns aos objetos inanimados, como tamanho, cor, textura,

⁴ Para um maior aprofundamento acerca das questões etimológicas das palavras *Körper* e *Leib*, recomendo “La traduction de Leib, une Crux Phaenomenologica”, de Natalie Depraz, à edição francesa de textos selecionados da Hua XIII, XIV e XV. Cf. Sur L’intersubjectivité I. Ed. Natalie Depraz. Paris: Épipiméthée, 2001, p. 386-387.

entre outras. Nosso corpo é sensível e perceptível, mas ele é uma matéria, uma coisa entre as outras.

Além de ser o local das sensações e sentimentos, o corpo enquanto *leib*, é também caracterizado por ser o ponto-zero em relação as outras coisas. Isto é, Husserl ao indicar que o nosso corpo, este que é vivo, se dá como ponto-zero, está afirmando que tal corpo é central em relação a tudo que o envolve, sendo o ponto de referência para o indivíduo que se encontra no mundo. Sobre a localização deste corpo, Husserl afirma: “tenho todas as coisas diante de mim, elas são todas “ali” – com exceção de uma e apenas uma coisa, que é o corpo, o qual é sempre um “aqui” (HUSSERL, 2005, p. 149). Deste modo, compreende-se que só é possível identificar-se como um “aqui” e não uma “coisa ali”, por intermédio do corpo, que é nosso centro de orientação.

É importante salientar que tal orientação, e compreensão de espacialidade, se dá sempre a partir da consciência, que é a doadora de sentido, reconhecendo neste mesmo corpo um local originário de onde surgem as sensações. Para além disso, a consciência juntamente ao tato, são responsáveis pela constituição enquanto uma materialidade corpórea, identificando os limites do corpo em relação às coisas que o envolve. Já que é no tato que o corpo se distingue dentre outros objetos e se percebe a si mesmo como um corpo sensível, vivo.

[...] o corpo próprio se origina no tato, o qual é o órgão que o constitui. É o tato que faz com que o mundo adquira sentido para o sujeito, pois o tato insere as sensações táteis no tecido do corpo tornando-as próprias a um sujeito. [...] O tato permite ao corpo fazer experiência de si mesmo como sensível e senciente, isto é, ele é uma coisa e percebe a si mesmo e tudo o mais pelos sentidos. (CARDIM, 2009, p. 58-59).

Uma vez estabelecida a concepção do corpo na fenomenologia husserliana, é possível abrir um espaço para diálogo com os fenomenólogos posteriores, visto que, Husserl se mantém como base e fundamento para toda a reflexão quanto crítica posterior. Principalmente no que concerne na fenomenologia do corpo de Michel Henry, onde o filósofo alemão obteve grande influência na construção do pensamento henryano. Apesar de Henry se distanciar em alguns momentos e estabelecer algumas críticas, nosso filósofo jamais descartou a filosofia de Husserl.

2. A CARNE ORIGINÁRIA A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DE MICHEL HENRY

Foi somente a partir da diferenciação do corpo enquanto *Körper* e *Leib*, que possibilitou Henry propor sua concepção de carne, que segundo ele é um terceiro elemento mais originário que o *Leib*, não mencionado ou não identificado na fenomenologia de Husserl. A partir de tal compreensão, a pesquisa segue para a elucidação desse elemento primordial, que para o filósofo francês escapa a esse horizonte de visibilidade, uma carne invisível, anterior ao conceito de corpo proposto pela fenomenologia clássica.

Michel Henry propõe a seguinte tese, de que “[...] uma teoria da constituição do corpo próprio deveria ter em vista não dois elementos [...], mas três, sendo o terceiro a carne originária [...]” (HENRY, 2014, p. 226). Tal afirmação exige que essa carne, na qual Henry considera como originária, possua em sua essência algo distinto que o diferencie da esfera corporal proposto por Husserl. E é nesse ponto que a Fenomenologia da Vida entra em evidência, apontando sempre para uma nova perspectiva, uma radicalização mais originária, pondo de um lado o corpo próprio, que é constituído, passível da relação tocante/tocado, e do outro, uma carne, na qual nosso filósofo designará como a arqui-revelação da Vida⁵.

Eis ainda a importância da compreensão do conceito “vida” na filosofia de Michel Henry, uma vez que não há uma carne sem vida, e nem uma vida sem carne, ambos precisam ser pensados juntos, de modo que um não se manifesta sem o outro. “Com efeito, a carne, para Michel Henry, não se pode pensar sem sua relação à vida, porque carne que se prova a si mesma, quer sofra, quer frua, quer se suporte, só o pode fazer na autorrevelação imanente da vida” (LECLERQ, 2014, p. 177). Desse modo, justifica-se a afirmação de que a carne apresenta-se como uma autorrevelação da vida, pois ela revela a vida enquanto um conteúdo fenomenológico puro de autoafecção. Pois a vida revela-se como carne e carne se revela como vida, um afetando o outro sofrendo-se, provando-se.

⁵ “Ora, ao aparecer do mundo se opõe ponto por ponto, a nosso ver, a revelação própria da vida. Enquanto o mundo desvela ‘de fora de si’, de modo que tudo o que revela lhe é exterior, outro, diferente, o primeiro traço característico da revelação da vida é que esta não traz em si qualquer distância e nunca difere de si, apenas a si mesma revela. A vida revela-se. A vida é uma autorrevelação. Autorrevelação, ao tratar-se da vida, quer dizer duas coisas: por um lado, é a vida que cumpre a obra da revelação; ela é tudo menos um processo cego. Por outro, o que revela é ela mesma. A revelação da vida e o que nela se revela são um só” (LECLERQ, 2014, p. 174).

Carne e corpo estabelecem entre si um movimento de oposição, o que não significa uma anular a outra, ou de uma relação de conflito, mas tal polarização se dá devido ao fato de que, o que constitui um é justamente o que falta ao outro. É na carne onde se funda este nosso corpo mundano, físico, é nela onde originariamente os fenômenos se fenomenalizam, para então responder a um “segundo” corpo, este que é passível de ser visto, tocado, sentido. Deste modo, carne na fenomenologia henryana é compreendida na seguinte perspectiva:

[...] Pois nossa carne não é senão isto que, *experimentando-se, sofrendo-se, padecendo-se e suportando-se a si mesmo e, assim, desfrutando de si segundo impressões sempre renascentes*, é, por essa mesma razão, suscetível de sentir o corpo que lhe é exterior [...] Considerada em sua originariedade, com efeito, nossa carne não é constituinte nem constituída; estranha a todo elemento intencional, é pura *hylé* no sentido em que nós o entendemos, não como dado bruto mas como arquirrevelação da Vida. (HENRY, 2014, p. 12 e 227)

Dito isto, acerca do caráter arquetipo da carne, Henry identifica nesse elemento uma originariedade ainda não cogitada por Husserl, de modo que esta mesma carne escapa ao que é fundamental na fenomenologia husserliana, a intencionalidade. Quando o filósofo francês afirma que nossa carne é, “estranha a todo elemento intencional (HENRY, 2014, p. 227)”, estabelece-se um distanciamento radical entre a fenomenologia da vida e a fenomenologia clássica. Henry toca numa das bases elementares do próprio movimento fenomenológico enquanto tal, indicando para uma região de imanência subjetiva.

E é neste sentido que sua filosofia é uma filosofia da subjetividade, trata-se de abordar aquilo que não é visível, objetivável, tangível, que não se manifesta nesse horizonte ek-stático. Pois nada se manifesta enquanto carne, ou na carne, que não seja ela mesma. Pensar a carne é “[...] por um lado colocar a carne como lugar originário de cumprimento de autoadoção e, por outro, pensar a carne como prova imediata, autoafetando-se, nomeadamente no sofrimento e na fruição de si [...]” (LECLERQ, 2014, p. 176). Eis então o que significa ser carne, e não ter uma carne, na filosofia henryana. É o si experimentando a si mesmo, consigo mesmo, é a autorrevelação do fenômeno em sua originariedade absoluta.

Uma vez identificado o terceiro elemento na qual Michel Henry se esforçou para trazer a luz, é possível perceber uma limitação na dupla constituição dos corpos na filosofia de Husserl, uma vez que ambos os corpos são sempre percebidos de um exterior, delimitados pelo tato na relação tocante/tocado,

isto é, tanto o Körper como o Leib são sempre um intencionado, um visto, um tangível. E não somente isso, neste mesmo caso o ego assume um papel preponderante, o que indica sempre uma submissão da relação corpo/ego, o primeiro necessariamente há de responder ao segundo que sempre o intenciona, de modo que nada se dá fora de tal correlação.

A significação da distinção tida como essencial na fenomenologia entre o corpo de uma coisa, o corpo “côisico”, e o “corpo da carne”, um corpo tal como o nosso, habitado por uma carne, aparece muito rapidamente limitado: assim como o primeiro, o segundo é percebido do exterior. Ambos são corpos mundanos. Por essa razão nosso corpo próprio apresenta, ele também, partes visíveis e partes tangíveis. Algumas dessas partes escapam, é verdade, à minha visão, mas permanecem acessíveis ao tato. Saída de uma longa tradição, a diferenciação entre o corpo “côisico” e o corpo próprio se faz na experiência pela qual minha mão toca seja o corpo de uma coisa, seja seu próprio corpo. (HENRY, 2014, p. 227)

90

Uma vez que dado o fato de nosso corpo próprio ser sempre percebido por um tato que estabelece os limites da minha relação comigo mesmo e com as outras coisas que me rodeiam, as sensações que advém sobre este mesmo corpo é reduzida ao puro movimento intencional. Isto para Henry acarreta uma série de problemas, visto que, o próprio conceito puro enquanto tal do fenômeno é corrompido, isto é, a fenomenalidade pura do fenômeno não é revelada, mas sim, uma compreensão de uma consciência distante deste mesmo fenômeno.

Portanto a relação ego/corpo sempre permanece, há sempre uma intencionalidade conferindo significação aos fenômenos que sobrevém a este corpo próprio, de modo que, afirma Henry: “[...] A própria alma ou o corpo de carne, a carne, não são compreendidos em si mesmo, mas como constituídos eles também; são percebidos como uma alma, como algo “psicológico”, como uma carne pertencente a um ego [...]” (HENRY, 2014, p. 228). Dito isto, evidencia-se o fato de que o fenômeno em si mesmo, nunca é revelado, mas sua revelação sempre se dá num movimento onde ele é mostrado, intencionado. É aí que se estabelece o que Henry chama de distância fenomenológica, há sempre uma distância entre o fenômeno mesmo e aquilo que o revela.

Uma vez que residindo tal permanência da distância entre aquilo revela e o que é revelado, se de um lado há um ego que confere significação aos fenômenos que nos advém, e do outro um corpo, local das sensações, mas que, é sempre significado por algo que não é ele mesmo, somos remetido há um

antigo problema, que é o da dualidade corporal. Nos parece que a antiga herança de Descartes ainda perdura como um plano de fundo na fenomenologia husserliana, que mostra um corpo reduzido a um segundo plano, numa relação de passividade com o ego, como um objeto que é pertencente, submisso, a algo que sempre lhe é superior.

O §38 declara do corpo próprio considerado como campo de localização de minhas sensações que “ele é órgão do querer, é o único objeto que pode ser posto em movimento de maneira espontânea e imediata pelo querer de ego puro que é o meu”. E ainda, sempre desse corpo próprio que pertence a um sujeito-ego, que este “tem a ‘faculdade’ (‘eu posso’) de mover livremente esse corpo e, por conseguinte, os órgãos em que esse corpo se articula, e, por seu meio, de perceber o mundo exterior”.⁶ O imenso problema da possibilidade fenomenológica transcendental da ação de um “ego” sobre seu próprio corpo e, “por conseguinte”, sobre o mundo exterior é objeto de uma designação ela mesma exterior e em que tudo é evidente, reduzido a um enunciado de senso comum. (HENRY, 2014, p. 229-230).

Assim tais impressões ditas originárias que nos sobrevêm a este corpo próprio que é o nosso, permanecem numa indeterminação, pois o seu conteúdo fenomenológico puro enquanto tal é subvertido, o que segundo Henry nos lançará a aquilo que o fenômeno mesmo não é. “É por essa razão que, quando tais impressões [...] estiverem submetidas a uma intencionalidade constituinte, a significação que elas receberão não será senão a mira “no vazio” do conteúdo fenomenológico próprio de cada uma delas [...]” (HENRY, 2014, p. 231). Eis então a proposta de nosso filósofo, que é o de elucidar, trazer a luz, conceder às nossas impressões o seu caráter originário sem que se caia num vazio. E é nesse fundo originário que reside nossa carne, lá onde nada que não seja ela mesma pode acessar.

A carne na concepção de Michel Henry, é tudo isto que o corpo próprio está impossibilitado de ser. Dado o fato de que nossa carne não precisa recorrer a nenhum outro meio para se manifestar, nenhum feixe de intencionalidade ou consciência aparece como um agente de sentido ou de significação. A carne é autônoma, nela e somente nela reside a capacidade de se automanifestar, como num movimento de pura imanência, revelando-se a si mesmo.

⁶ *Ideen* II, respectivamente p. 215 e 216.

[...] Não é a intencionalidade que está no princípio de nossa experiência, não é uma rede intencional que, ao mesmo tempo que sua significação, confere seu estatuto às impressões de nossa carne: são estas, em sua autorrevelação originária, que precedem, regulam e determinam o processo de sua inserção e de sua disposição no corpo próprio. (HENRY, 2014, p. 231)

Partindo desse pressuposto, lança-se uma das teses fundamentais da fenomenologia da vida de Michel Henry, de que não há nenhum caráter consciente ou intencional na origem de nossas impressões. Pois o exterior não pode elucidar o interior, já que nosso corpo próprio, no sentido husserliano, sempre chega tarde a esta impressão originária, de modo que, cito Henry: “*A análise do corpo jamais poderá torna-se a de nossa carne e o princípio, um dia, de sua explicação; ao contrário: só nossa carne nos permite conhecer, nos limites prescritos por essa pressuposição incontornável, algo como um “corpo”*” (HENRY, 2014, p. 14 grifos do autor). Assim, é nossa carne que revela nosso corpo e não o contrário, pois, este fundo originário jamais será acessado por algo que não é a própria originariedade.

Portanto, o que há na origem de nossas impressões, é a nossa carne originária, e isso não como uma carne distante no sentido fenomenológico, uma carne submissa a um ego, ou a uma consciência que a determina, mas sim uma carne que eu sou, uma carne que se manifesta como vida e na vida, uma carne possuidora de um poder impressional que lhe é própria, uma carne afetiva, onde o conteúdo revelado e o conteúdo que revela se confundem. Um fundo patético de imanência pura, anterior a qualquer coisa que não seja ela mesma, numa relação onde afetante e afetado se misturam, lá onde a vida se autorrevela em si mesma como vida, mas também como carne.

REFERÊNCIAS

BARCO, Aron - **A Concepção Husserliana de Corporeidade - A Distinção Fenomenológica entre Corpo Próprio e Corpo Inanimados**. Petrópolis. Synesis, v. 4, n. 2, p. 1-12, 2012.

CARDOSO, Adelino. Apresentação. In: KÜHN, Rolf. **Ipseidade e Praxis Subjectiva: Abordagens fenomenológicas e antropológicas segundo o pensamento de Michel Henry**. Trad. José Rosa, Helena de Jesus e Adelino Cardoso. Lisboa. Edições Colibri. 2010.

GRZIBOWSKI, S. **Fenomenologia do corpo em Michel Henry: uma leitura a partir da imanência subjetiva**. Voluntas – Revista Internacional de Filosofia. v. 10, n. 1, 2019, p. 53 – 61. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/36638/pdf>.

HENRY, Michel. **Encarnação: uma filosofia da carne**. Trad. Florinda Martins. Portugal: Círculo de Leitores, 2014.

_____. **Filosofia e fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia biraniana**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: E Realizacoes, 2012.

HUSSERL, Edmund. **Ideas relativas a una fenomenologia pura y una filosofia fenomenológica**. Libro segundo: investigaciones fenomenológicas sobre a constituição. Trad.: Antônio Zirió. 2ªed. México: Fundo de Cultura Económica, 2005.

LECLERQ, Jean. **“Ter dois corpos”. Vida, afetividade e sexualidade em M. Henry**. In: ANTÚNEZ, A E A; MARTINS, F; FERREIRA, M V (orgs). **Fenomenologia da Vida de Michel Henry: interlocução entre filosofia e psicologia**. São Paulo: Escuta, 2014.

MISSAGGIA, J. - **O Conceito Husserliano de Corpo - Sua dualidade e função nas experiências perceptivas**, Problemata: R. Intern. Fil. v. 8. n. 3, 2017.